

Separação e Ato

Ana Paula da Costa Gomes

Intervenção individual

Qual é a perda que está em jogo numa separação amorosa? Por que é tão difícil se separar?

Cena de cinema. Estamos no Irã, uma mulher pede o divórcio ao juiz, pois quer sair do país levando sua filha e seu marido não quer ir com ela, pois não quer deixar o pai que sofre de Alzheimer. A pergunta que Simin faz é: Por que o marido não pode abandonar o pai, mas pode abandonar a mulher?

Como responderia um psicanalista à pergunta de Simin? O neurótico, seja ele homem ou mulher, salva o pai, salva sua posição edípica e tira a mulher de cena, pois esta representa o que está para além da ordem fálica, representa a particularidade, a diferença sexual por excelência, o que causa o desejo, que é pura insistência, movimento.

Freud em seus ensaios sobre a sexualidade diz que todo encontro amoroso é na verdade um reencontro amoroso. Ou seja, na tragédia ou na comédia da psicopatologia da vida amorosa, não há como escolhermos nossos objetos amorosos, sem que estes portem a marca edípica de nossa constituição. Amamos em conformidade edípica. As relações amorosas são sintomáticas porque são em sua grande maioria reedições das histórias edípicas de cada um do casal. O amor padece de uma insistente cena edípica que se repete.

Uma separação amorosa atualiza a perda constitutiva de nossa entrada no mundo e nos coloca diante do nosso lugar na fantasia. No seminário XI, Lacan trata da constituição do sujeito a partir das operações de alienação e separação. O sujeito humano se constitui no campo do Outro, na operação de alienação se constitui a partir do investimento parental, do narcisismo dos pais. O significante é o que representa o sujeito para outro significante. Alienação necessária ao campo do significante. “A alienação consiste nesse vel que – se a palavra condenado não suscita objeções da parte de vocês, eu a retomo – condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise.”(Lacan, 1963-64, p.199) Se por um lado esta alienação dá um bilhete de entrada para o infans no mundo, por outro também lhe devolve uma perda que ele tomará como falta. Perante o Outro de nossa constituição perguntamos: o que queres? Che vuoi? Ele me dá o significante, mas o que ele quer. Todos os porquês da criança testemunham

menos uma avidez de saber, do que o enigma do desejo do adulto. A fantasia é a resposta que damos ao enigma do desejo do Outro. Questão por excelência que rege nossas relações, a qual respondemos de forma fixada, sintomática, e que a escolha amorosa não poderia ser vivida de forma diferente. Não há tanta liberdade quanto se pensa, na escolha de um objeto amoroso.

Sobre a separação Lacan nos diz: " Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito."(Idem, p. 207)

Na maioria das separações amorosas, o sujeito repete o modelo freudiano do luto, abandona a catexia objetal, retorna a libido para o eu, e após um trabalho de elaboração, volta a investir num novo objeto. Mas o que realmente há de **novo** neste objeto amoroso, se o sujeito não estiver em análise, numa travessia de fantasia, onde possa cernir esse ponto da falta do Outro? Falta esta, que como nos diz Lacan supracitado, é o lugar onde se constitui o seu desejo, e onde minimamente podemos falar de uma margem de liberdade. Sem análise, ainda que o sujeito não melancolize, do que realmente ele se separa ao terminar uma relação amorosa?

Freud diz em "Luto e Melancolia", ao falar sobre a melancolia que o sujeito sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. Será que sem análise, o sujeito numa separação amorosa tem condições de responder a esta pergunta? Não podemos destacar aqui um ponto melancólico estrutural do sujeito, neste ponto de aquém e além do desejo desconhecido da mãe, onde se situa o ponto de falta no qual se constitui o desejo do sujeito? Sem análise, o sujeito toma este ponto de falta como afânise.

Só na análise, a partir da travessia de sua fantasia, onde deixará de tomar esta perda, dada na alienação ao significante no campo do Outro, como falta, como afânise, apagamento, e a tomará como causa, é que efetivamente o processo de separação e luto pode se dar.

Numa separação analítica é desta cena edípica que se trata de separar. É este o osso de uma separação. É o rochedo de castração de uma análise: o complexo de Édipo. O luto é o trabalho que se faz numa análise de travessia da fantasia, de cernimento do lugar de falta, de impossível de se dizer sobre o sujeito. O luto é a possibilidade de o sujeito enunciar que foi o objeto da falta do Outro, da sua castração. Pois, caso contrário, o sujeito só troca o endereço do parceiro, mas a furada do encontro/reencontro amoroso continua sendo a mesma.

É preciso prescindir do pai, servindo-se dele, daquele amor necessário, edípico, mas que se não se inclui a diferença que uma mulher porta quanto à norma fálica do pai, será sempre um amor de repetição, fadado ao fracasso do gozo, do sofrimento, da mortificação da qual os casais tanto se queixam, porque o desejo foi morar alhures. Pois só a castração, permite ao amor condescender ao desejo. E é a transferência a via régia deste acesso. Diz Lacan: “Esta operação segunda é tão essencial de ser definida quanto a primeira, porque é aí que vamos ver despontar o campo da transferência. Eu a chamarei, introduzindo aqui meu segundo termo, a separação” (Ibidem, p 202)

O trabalho de análise, trabalho de transferência, é um trabalho de separação. O ponto no qual o sujeito faz o luto da mãe, para escavar a mulher que há nesta. E responder, cada um, particularmente, originalmente à pergunta freudiana, o que é uma mulher? Pergunta que só pode ser respondida a partir do pai, este que operou simbolicamente, metaforicamente no Édipo, mas que o sujeito, servindo-se dele, vai ultrapassá-lo. Fazendo do pai um nome, um autorizar-se deste ponto de falta, além do seu amor de repetição. Transferência não é repetição. E do Outro, lugar em que se fazia demanda de amor, o sujeito fará causa de desejo.

“O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver.”(Ibidem, p.260)

Separação e ato: que amor possível, ao final de análise, sem o limite do Édipo?